

Ainda este ano, os EUA na lista dos devedores

WASHINGTON — Se os Estados Unidos não mudarem o rumo que estão seguindo, poderão tornar-se, no final de 1986, o maior país devedor do mundo, superando até mesmo o Brasil, atualmente o recordista. Já neste ano, dizem os especialistas em economia mundial, os Estados Unidos recairão na situação de país devedor, o que não ocorre desde a Primeira Guerra Mundial.

Segundo dados fornecidos pelo Departamento de Comércio, em 1983 chegaram aos Estados Unidos cerca de US\$ 93 bilhões procedentes do Exterior. Os estrangeiros investiram em empresas norte-americanas, compraram ações, adquiriram ações oficiais e industriais. Nas contas bancárias chegaram a depositar aproximadamente US\$ 49 bilhões, e os bens estrangeiros nos Estados Unidos alcançaram o equivalente a US\$ 781 bilhões.

Ao contrário, os investimentos norte-americanos no estrangeiro au-

mentaram só US\$ 49,3 bilhões, totalizando, presentemente, US\$ 887,4 bilhões. Os depósitos foram reduzidos de US\$ 149,5 bilhões a pouco mais de US\$ 106 bilhões.

POLÍTICA ECONÔMICA

Os especialistas em Washington afirmam que as causas dessa posição em que se encontram os Estados Unidos decorrem da política econômica executada durante os últimos três anos, responsável pelos grandes déficits orçamentários. Influíram, também, as altas taxas de juros e a supervalorização do dólar.

Como os norte-americanos não têm tradição como poupadouros, a poupança no país é da ordem de 4 a 6%. O governo, no entanto, está satisfeito com a entrada de depósitos do Exterior, atraídos pelas altas taxas de juros e pelas boas perspectivas de tirar proveito da alta cotação do dólar. O dinheiro de fora é bem-vindo para financiar os déficits fiscais, para apoiar o mercado de capitais e para frear a alta dos juros e da inflação. Todavia, esses capitais externos não são investidos na produção, mas utilizados quase exclusivamente para financiar o consumo estatal e privado.

O assessor econômico do presidente Ronald Reagan, Martin Feldstein, afirma, no entanto, que ainda não se pode falar em crise agravada, mas esta já estaria instalada no país se não fossem os capitais estrangeiros. E ele pergunta: "O que ocorreria se os investidores estrangeiros perdessem a confiança na economia americana?"

As consequências dessa perda de confiança, se ela acontecesse, seriam: juros ainda mais altos, taxa de inflação aumentada de dois dígitos, o que seria naturalmente acompanhado de uma espetacular queda do dólar.

Para grande parte dos economistas norte-americanos, a única possibilidade de evitar que se concretize esse quadro tão sombrio é a de que seja reduzido drástica e rapidamente o déficit orçamentário, aumentem as exportações e se alterem os hábitos consumistas do país.



Arquivo

Feldstein crê em retomada